



Prospectiva da experiência da especialização na PUC-SP para a profissão do cientista da religião

Prospective experience of the specialization at PUC-SP (Brazil) for the profession of scholar of religion

Eulálio Avelino Figueira*

Resumo: O primeiro propósito deste artigo-relato é apresentar a experiência do curso de Especialização em Ciência da Religião que, desde 2007, é oferecido na PUC-SP pela área de Ciência da Religião. Um curso que, desde seu início, tem como objetivo abordar o fato religioso observado a partir dos seus elementos naturais, isto é, tratar e estudar a religião e suas articulações, escutando as falas e as manifestações dos sujeitos humanos em suas atividades e em seus ambientes de vivência. Um segundo, mas não menos importante propósito, é colocar e estimular o já iniciado debate sobre a ciência da religião aplicada ou a profissionalização da ciência da religião e, assim, ampliar o debate sobre as aberturas da área para a atividade prática e consequente utilidade pragmática dos estudos da religião. Pretendemos contribuir para a discussão e necessária clareza sobre duas tarefas que a ciência da religião precisa aprofundar. É necessário dar ênfase e garantia epistemológica e metodológica para uma crescente solidez a argumentos pertinentes, de modo que, nos círculos acadêmicos especificamente no Brasil, o fato religioso siga sendo percebido e estudado naquelas “arestas” em que, habitualmente, não é observado. Portanto, é preciso enfrentar questões epistemológicas, mas, também, questões de cidadania acadêmica. É necessário promover e aprofundar a pesquisa em ciência da religião; contudo, não se deve descuidar a formação de atores, profissionais que atuem com habilidade e competência no trato da “coisa” religiosa no dia a dia das manifestações que identificam o fenômeno religioso.

Palavras-chave: Ciência da religião aplicada. Profissionalização da ciência da religião. Especialização em ciência da religião.

Abstract: The first purpose of this article report is to present the experience of the specialization in the study of religion that since 2007 has been offered at PUC-SP by the area of the study of religion and which, since its beginning, aims to approach the religious fact observed from of its natural elements (i.e., to treat and study religion and its articulations listening to the speeches and manifestations of human subjects in their activities and their living environments). A second, but no less important, is to place and stimulate the already initiated debate on the applied study of religion or the professionalization of the study of religion and thus broaden the debate on the openness of the area for practical activity and consequent pragmatic usefulness of religious studies. We intend to contribute to the discussion and clarity required on two tasks that the study of religion needs to deepen. It is necessary to give emphasis and epistemological and methodological guarantee for a growing solidity to pertinent arguments so that, in academic circles, specifically in Brazil, the religious fact continues to be perceived and studied in those “edges” that are usually not observed, therefore, it is necessary to face epistemological issues, but also issues of academic citizenship. It is necessary to promote and deepen research in the study of religion. However, the training of actors and professionals who act with skill and competence in dealing with the religious “thing” daily of the manifestations that identify the religious phenomenon should not be neglected.

Keywords: Applied study of religion. Professionalization of the study of religion. Specialization in the study of religion.

* Professor do Departamento de Ciência da Religião da PUC-SP (São Paulo-SP). Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP, São Paulo-SP). ORCID: 0000-0003-2441-3144 - contato: efigueira@puensp.br

Este artigo tem como intuito descrever a experiência que acontece na PUC-SP desde 2007, na área de ciência da religião. Os estudos de ciência da religião na PUC-SP nascem em um programa de pós-graduação *stricto sensu*. Desde sua gestação até a atualidade, não tem como propósito apresentar-se em oposição ou competição à teologia, ou a qualquer outra área que, habitualmente, trata do estudo e entendimento da coisa religiosa. A ciência da religião tem como proposta fazer outra leitura e percepção do fato religioso, que, habitualmente, escapa a áreas tais como as da psicologia, a sociologia, antropologia, filosofia etc.

Porém, há um indicativo – espero ser este o termo mais adequado – de que, no início da implantação do programa de pós-graduação em ciência da religião, consolidando-se como sua marca mais notória de que é necessário olhar o fato religioso de um lugar de que ele não estava sendo observado, e que em outros círculos acadêmicos, nomeadamente de Europa e Estados Unidos, já vinha se desenvolvendo e consolidando.

Era necessário dar ênfase e garantia epistemológica e metodológica para uma crescente solidez a argumentos pertinentes de modo que, nos círculos acadêmicos especificamente no Brasil, o fato religioso fosse percebido e estudado naquelas “arestas” a partir de que, habitualmente, não era observado. Era preciso enfrentar questões epistemológicas, mas, também, questões de cidadania acadêmica, uma vez que religião ou era vista como coisa particular, o que não a colocava como objeto de debate e análise, ou como algo que deveria ser objeto de crítica, por influência da teoria da secularização; então, deveria ser buscada a justificação para sua exclusão dos círculos da academia e de seus interesses.

Assim, o curso de ciência da religião no programa de pós-graduação em ciência da religião na PUC-SP vai colocar sua tônica principal – e por que não se dizer, prioritária – na formação de pesquisadores e estudiosos que deverão ser referência para a pesquisa em ciência da religião no Brasil.

Gradativamente, a pesquisa em ciência da religião no programa da PUC-SP vai se consolidando como um território de pesquisa sobre o fato religioso e a formação de pesquisadores que, assim, concentram sua atividade prioritária. Acompanhando o que fora da PUC-SP e do Brasil vai estimulando e desenvolvendo a ciência da religião, juntamente com o surgimento de novos desafios diante da emergente profissionalização de uma área de conhecimento como é a ciência da religião, vai ganhando coro no meio dos pesquisadores que vão formando a área pela PUC-SP o desejo e o desafio de direcionar seu fazer para a pragmática dos estudos em ciência da religião. Assim, a possibilidade para a profissionalização em ciência da religião passa a constituir um interesse entre os pesquisadores do programa.

Peço licença a quem está fazendo a leitura para interromper brevemente este relato e fazer algumas pontuações de ordem teórica, sendo elas, em nosso entendimento, necessárias para deixarmos mais claro o objetivo e percurso literário e conceitual deste relato.

Hoje, verificamos a existência de duas abordagens ou dois caminhos para o entendimento sobre a ação prática que se atribui à ciência da religião. Nesse propósito, ressaltamos a importância do trabalho do professor Frank Usarski, que sinaliza a existência de duas abordagens acerca da ação prática (pragmática) da ciência da religião. Isso exige fazer-se uma distinção necessária: “a ciência prática da religião defendida por

Udo Tworuschka e outra compreensão de ciência da religião aplicada, como, de fato, uma ciência aplicada” (Usarski, 2019, p. 25).

Devemos ressaltar que, nessa importante distinção – porque ela contribui para a orgânica identificação das terminologias –, não se configura um problema exclusivo da ciência da religião, dado que o problema está presente também em todas as ciências em que o desejo e a preocupação de não se deixarem permanecer no território estrito das abordagens teóricas sobre os problemas-objeto de suas abordagens e que se entende ser de sua propriedade e abordagem própria, também é uma preocupação constante. Quase como um dever de ofício que a ninguém mais (ou a nenhuma outra ciência) caberá tratar.

Trata-se de “mergulhar” nas análises dos problemas que provocam não apenas as urgências humanas em responder a suas dúvidas e suas necessidades por organizar a vida, mas, também, diante da necessária tarefa de construir as possibilidades da existência. Faz-se necessário mais do que observar o que impulsiona a humanidade, é presente ter que construir dinamismos de sentido válidos para seu agir, perceber e interpretar modos próprios de cada grupo humano nesta construção da ação. Mais do que acreditar, é necessário compreender este acreditar e o que ele provoca nas relações estabelecidas no cotidiano.

Para Usarski, é necessário colocar a questão da constituição da ciência da religião como uma ciência que deverá ter uma preocupação com as questões dos resultados que os objetos dos quais ela se ocupa carregam e também sobre o fato de como os pesquisadores são estimulados a perceber e compreender esses mesmos objetos e seus problemas.

Pareceu-nos evidente, na indicação de Usarski, que esse foco é a identidade específica da ciência da religião e seu objeto articulado com uma prática, no fato de colocar certa relação com o ideal de uma disciplina que faz justiça ao princípio da *epoché*, no sentido de um estilo mental que busca, na medida do possível, suspender as orientações, posturas e certezas subjetivas que norteiam o cientista no seu cotidiano em favor de uma atitude que permite um distanciamento aos objetos de estudo. Por essa razão epistemológica, “a ciência prática da religião de Tworuschka, incentivada por uma pragmatização normativa da nossa disciplina que norteia todo processo de pesquisa, desde a definição de um objeto e seu caráter supostamente problemático até a divulgação de seus resultados, não pode ser uma opção para uma ciência da religião fiel a suas conquistas obtida no decorrer da sua história” (Usarski, 2019, p. 25).

Entendemos, em acordo com Usarski, que relação da teoria com a prática refere-se à exigência do pesquisador e dos estudiosos da ciência da religião se deixarem cativar pelo objeto (o que seria o diferencial deste profissional), mas é necessário que se mantenha o distanciamento entre pesquisador e pesquisado para entender os problemas que o objeto pode conter, juntamente com um importante grau de imparcialidade, sem o qual incorre-se no erro de apresentar um resultado que não tenha passado pelo precioso crivo da dúvida ou do estranhamento. Parece-nos estar tal postura metodológica depositada princípio importante para se falar da direção prática que a ciência da religião pode realizar, como a formação de agentes de pastoral, ou até de ensino específico de uma religião.

Aquela postura metodológica, sem dúvida, contribuirá para afastar o risco de se confundir com o trabalho de abordagem na ciência da religião, com estudos e pesquisas em vistas a trabalho de catequese (que tem sua importância, mas que faz necessária distinção tanto metodológica quanto epistemológica), de forma a se manter as importantes distâncias que possam permitir, por exemplo: reconhecer uma fé particular, mas entender que ela necessita do diálogo com outras fés, sem que para isso seja feito qualquer acento de diminuição da outra.

Usarski, ao tecer reparo à proposta de Tworuschka, alerta com grande perspicácia ao risco de não se perceber a necessária observação para o olhar científico a ser realizado sobre o resultado da observação do objeto de estudo, pois a abordagem de Tworuschka coloca que a “ciência prática da religião negligencia esta exigência de distinção entre diferentes momentos do processo acadêmico e suas lógicas próprias, associadas aos contextos de descobrimento, justificação e aplicação. Por esta razão não se apresenta como uma abordagem que pode enriquecer nossa tradição intelectual” (Usarski, 2019, p. 26).

Podemos afirmar: a ciência da religião, por seus já consistentes anos de produção acadêmica, pode estar sentada ao lado de outras disciplinas que, em razão do processo histórico de consolidação de um campo teórico de estudos e resultados científicos, consolidaram seus demarcadores de competência e pertinência teórica, demonstrando sua importância e justificativa na resposta prática diante da necessidade humana de produzir respostas válidas ao necessário exercício da produção de sua história, entendendo-se a função e importância do fato religioso. Tem-se a ciência da religião afirmada como uma força e presença importantes na academia para lidar com o fato religioso.

Não precisamos mais, como disse Joachim Wach, ter que continuamente afirmar e apresentar infundáveis justificativas validamente reconhecidas para que a ciência da religião possa estar sentada nos “bancos” e “mesas” da academia, ocupando lugar que lhe cabe. “A religião é o liame mais substancial da humanidade. Tendo em mente as calamidades que têm assediado a civilização no nosso tempo, é de suma importância uma compreensão cabal do papel da religião, no passado e no presente. A época em que os estudiosos da religião comparativa podiam exhibir suas mercadorias com ar de indiferença suprema está prestes a terminar” (Wach, 1990, p. 17).

A ciência da religião, hoje, tem lugar de relevância sociopolítica, dado que tem “desenvolvido anticorpos” que lhe permite fugir às armadilhas epistemológicas muitas vezes presentes nas abordagens que, com grande habitualidade, ignoram as exigências de uma disciplina “mental”, alicerçada em um estatuto conceitual com um aparato e um vocabulário claro e peculiar o que irá garantir ao cientista da religião a necessária qualificação e pertinência da pesquisa.

Nos últimos vinte anos, vimos assistindo, na ciência da religião, cada vez mais evidente e delineado um processo de demonstrar não somente a utilidade do conhecimento que resulta do trabalho e esforço intelectual, mas um esforço de trabalho que, com clareza, evidencia os caminhos possíveis e peculiares para quem envereda pelos estudos e atividades próprias da ciência da religião. Desse modo, torna-se possível realizar e aplicar os resultados obtidos nas pesquisas.

Os resultados e estudos da ciência da religião se apresentam notórios, com cada vez com maior visibilidade, não apenas no trato com o fenômeno religioso, mas também

diante da necessária responsabilidade sociopolítica em que as abordagens próprias da ciência da religião vêm se mostrando competentes e úteis para identificar e analisar as demandas que, nesta área, se fazem urgentes, dando consistentes análises e obtendo resultados importantes para a compreensão dos problemas que estão inseridos nestes dinamismos sociais.

O que não podemos deixar de observar, segundo Usarski, é como a ciência da religião tem importância peculiar no impacto da coisa pública, uma vez que “a expansão da funcionalidade da produção acadêmica no âmbito da ciência da religião para além do mundo universitário, porém, não se realiza por um mero discurso que salienta o potencial pragmático dos resultados das nossas pesquisas. Neste propósito deve-se colocar o direcionamento e as bases para a formação do estudante e do profissional da ciência da religião” (Usarski, 2019).

Podemos e devemos insistir na afirmação de que o objeto da ciência da religião é, por si, uma garantia válida, consistente para que a ciência da religião esteja presente tanto na sociedade como propriamente na academia. E, por isso, se constitua não apenas como uma atividade prática, mas como uma força de pesquisa e produtora de um conhecimento peculiar sobre a sociedade, a vida, tendo seu objeto de observação o fenômeno religioso.

O fato é que a religião não é algo que seja o que a tradicional crítica da religião, que com maior ruído a teoria da secularização se constituiu signatária, coisa de “homem primitivo”, alienação ou que, simplesmente, não tem ou não deve ter atenção pública, o que normalmente produz modos lacunares, ou até mesmo equívocos de observação e compreensão do fato religioso. A religião é fato essencialmente humano, resultado e elaborado em suas relações cotidianas, e está inserida nas relações que humanos formulam diante de suas atividades da mais variada e múltipla natureza: política, econômica, estética, artística, ética, folclórica, etc.

Religião é fato decididamente inserido no agir humano, como tudo o que pertence ao humano e o define na ordem da existência; está presente e organiza o que se define como o aqui e o agora da vida concreta dos sujeitos humanos. No entanto, religião não se apresenta a todo tempo e lugar, de forma homogênea, nem tão pouco imutável. Seus traços e seus efeitos se manifestam de diferentes formas e por distintos meios em qualquer segmento da vida. Por esse motivo, é necessário que se olhe para a religião como um objeto que se identifica com o tangível, com aquilo que muda, que constitui os elementos acidentais e imanentes do mundo, do que é temporal e por isso desaparece, reformula-se, altera-se. Contudo, na voz de seu criador, o fato religioso trata do transcendente, do que não se altera, não termina, que se faz eterno, e justamente por isso se constitui mistério de vida que elabora e justifica ações e reações de seus construtores.

Na ciência da religião, por sua pertinência epistemológica, está presente e se define na sua constituição, uma tarefa de caráter mais teórico, diríamos de trabalho intelectual que exige a manutenção de uma preocupação conceitual e um cuidado mais constante com a preocupação por responder aos momentos do processo acadêmico e sua lógica própria, de forma a que a pesquisa não manipulada ou limitada a qualquer interesse que não sejam aqueles que o objeto demanda, possa vir a ser apresentada e não se perca dos resultados que venham a ser apresentados.

Na ciência da religião, no seu rigor e características epistemológicas, também cabe e deve ser observada uma tarefa de teor mais pragmático, que permita atender as demandas que surgem das especulações levantadas de outras disciplinas, assim como resultados de específicas necessidades próprias das sociedades e dos grupos, no enfrentamento de demandas pontuais características do cotidiano destes.

Diríamos ser necessário reunirem-se esforços de um olhar teórico conjuntamente com uma perspicácia prática, que, em suas convergências e suas divergências, a ciência da religião venha a responder também a certa dose de pragmatismo exigida pelo objeto ao qual a ciência da religião se afirma. A ciência da religião, apresentando-se como discurso, sabendo-se ser constituído no seio da academia e guiado por suas diretrizes metodológicas e sistemáticas, contudo sem deixar de dar respostas e cuidados ao problemas práticos do dia a dia, se firma e se apresentará sempre como competente e eficaz em seus resultados para, como diz Frank Usarski, “entra(r) em ação após e em complementação da fase de produção do conhecimento acadêmico, oferecendo ao público geral um saber produzido no contexto da academia. Na medida em que este saber é considerado pragmaticamente útil por instâncias da sociedade, ele pode servir como recurso adicional em prol da busca para soluções de situações definidas como sociopoliticamente deficitárias” (Usarski, 2019, p. 25).

No desejo de atender esta tarefa da ciência da religião e também por se entender que se fazia necessário contribuir para a formação de profissionais que, ao abrigo do discurso da ciência da religião, estivessem capacitados para responder as demandas que o fato religioso suscitava na sociedade brasileira, especificamente; professores da área de ciência da religião da PUC-SP, em 2007, numa primeira configuração e projeto, dão início ao primeiro curso de Especialização em ciência da religião.

Este primeiro curso de especialização, no projeto original, estava alicerçado numa demanda específica: oferecer, a profissionais da comunicação, formação e capacitação sobre o fenômeno religioso. A primeira motivação para este projeto foi o fato da vinda ao Brasil do papa Bento XVI. Contudo, na construção do projeto se verificou que outra demanda se desenhava, que era a de formação de professores para o ensino religioso em sua atuação na rede de ensino, pública e privada, do Brasil.

Nesse primeiro projeto estiveram presentes, como base metodológica e teórica, os componentes acadêmicos que compunham a base do programa de estudos de pós-graduação da PUC-SP. Com isso, o grupo de professores que abraçou o projeto do curso de especialização em ciência da religião procurou dar consistência à ideia da ciência da religião como um campo de conhecimento, oferecendo subsídios complementares a áreas de conhecimento e campos profissionais já tradicionalmente estabelecidos. Desse modo, a ciência da religião cumpriria seu papel de despertar o interesse e tornar conhecido o vocabulário necessário à constituição de seus próprios pesquisadores, no programa de pós-graduação *stricto sensu*. Nisso, uma especialização daria sua contribuição na complementação de profissionais oriundos de outras áreas de conhecimento e atuação, na abordagem do fenômeno religioso, e os estimularia a prosseguir para a pesquisa *stricto sensu*.

O curso de especialização se consolidou mesmo após o cumprimento de sua demanda originária, com a visita do papa Bento XVI ao Brasil. Nova demanda surge,

demanda que vai ganhando forma e fazendo ruído. Novos grupos de interessados pelo curso vão incorporando o grupo de alunos e novas necessidades e novos desafios são colocados. Um número considerável de profissionais das áreas da saúde, de profissões liberais e da educação, bem como agentes e lideranças de religiões que configuram o campo religioso brasileiro, passam a constituir o grupo de alunos que procuram o curso de especialização.

Diante das preocupações e interesses apresentados pelos perfis desses novos alunos, em 2010 o curso realiza uma primeira reformulação, mudando não apenas sua grade curricular, mas também sua estrutura acadêmica conceitual. O curso ganha, então, uma preocupação e direcionamento mais voltado à formação e capacitação prática dos estudantes, mas sem descuidar da formação conceitual de forma a que estes tivessem plena compreensão da importância e do específico da pesquisa em ciência da religião.

Desse modo, entendia-se que se estava dando consistência à configuração da ciência da religião como um campo de pesquisa e, simultaneamente, como um campo profissional capaz de responder a demandas específicas presentes na relação da sociedade com o fato religioso. Estava então, no entender dos professores que respondiam na PUC-SP pela área da ciência da religião, consolidado o entendimento de que a ciência da religião se apresentava como área de conhecimento alicerçada em duas grandes forças: uma base conceitual que deposita todos seus esforços na produção e fundamentação da pesquisa sólida em ciência da religião – que dialoga com as demais áreas do saber na academia, e uma base pragmática, aplicada, útil, que oferece à sociedade aplicações práticas, de forma a se responder, como procuramos neste relato apresentar, às soluções que solicitam os problemas de situações surgidas no cotidiano dos sujeitos humanos nos contextos das sociedades nas quais eles estão inseridos.

É diante desse cenário que a área da ciência da religião na PUC-SP começa a demonstrar e expressar, de um lado, a presença de estudantes interessados na compreensão teórica do fenômeno religioso e, de outro, estudantes que buscavam na pós-graduação *stricto sensu* bases teóricas para pesquisa em ciência da religião. Gradativamente, ganha volume a conexão entre o campo teórico e o prático da ciência da religião, tanto entre quem está na pós-graduação *stricto sensu* quanto entre aqueles que chegaram para buscar algumas informações (seja por interesse particular, para responder a alguma pergunta de interesse particular, seja para atuar em sua profissão) acerca do fato religioso, porém sempre com a explícita demonstração de buscar uma complementação para atuação prática no seu campo profissional.

O curso de especialização em ciência da religião começa a ser cenário de duas realidades. Por um lado, começa a contratar quadros discentes para a composição do quadro docente da pós-graduação *stricto sensu* de ciência da religião e, por outro, segue formando e capacitando profissionais para atuar na sociedade como cientistas da religião.

Diante desse novo momento, em 2020, também impulsionados pelo cenário mundial da pandemia e suas implicações na universidade, nova reformulação, agora mais radical e profunda será feita na estrutura global do curso de especialização que estava vigente.

Começando pelo próprio nome do curso (título), já se faz presente o indicativo de se dar visibilidade a característica prática que a ciência da religião deve expressar e abraçar. O curso passa a se designar no seu título maior como: “Religião, Cultura e

Vida Contemporânea”, para que a ciência da religião aplicada, sua diretriz de profissionalização, fique explícita e, assim, ganhe consistência e consolidação. O subtítulo do curso mantém especialização em ciência da religião, justamente para indicar que se trata da área de ciência da religião.

Essa reformulação dá início à nova metodologia que o curso de especialização vai imprimir no ano de 2022. Era necessário trazer e consolidar a ciência da religião aplicada e, com isso, dar bases para que a profissão em ciência da religião não apenas fosse um debate, mas que fosse algo viável, factível e, por isso, consolidado. Não se trata somente de manter viva a existência de quadro conceitual, com vocabulário específico identificador de uma área de conhecimento, a saber, a ciência da religião, mas tornar visível as ferramentas que adequadas e referendadas pelo teórico e gramatical constitutivo da ciência da religião, possam evidenciar na relação das práticas próprias da sociedade brasileira as situações sociopolíticas, antropológicas, econômicas, etc., características desta sociedade.

Pela dimensão prática da ciência da religião, alicerce da profissão do cientista da religião em sua tarefa de aplicação dos conteúdos da área, será possível observar a importância e intervenção do fenômeno religioso nas mudanças da sociedade brasileira, muito explicitamente em decorrência de novos cenários políticos, econômicos e religiosos predominante temente, que pode ser balizado entre os governos de Luís Inácio Lula da Silva e, atualmente, no governo de Jair Bolsonaro.

Através da observação do fato religioso, seja como desencadeador desse cenário demarcado no tempo acima referido, seja como dado a ser refletido, sem dúvida será de grande importância para o entendimento da sociedade brasileira. Entendimento de que a ciência da religião terá protagonismo relevante, pelas pesquisas que pode desenvolver, mas também pelas ações práticas que pode desencadear e que, sem seu protagonismo, não se fará qualquer um desses entendimentos.

Em razão desses contextos, a proposição de Usarski, em nosso entendimento, ganha força de justificativa para a ciência da religião aplicada e consequente evidência da profissão do cientista da religião. Em que a “expansão da funcionalidade da produção acadêmica no âmbito da ciência da religião para além do mundo universitário, porém, não se realiza por um mero discurso que salienta o potencial pragmático dos resultados de nossas pesquisas. Conforme o princípio econômico de que a oferta puxa a demanda, uma das primeiras medidas para salientar a relevância prática da nossa disciplina é de natureza curricular. Em outras palavras, preparar os estudantes da nossa área com um conhecimento adequado é um pré-requisito para que a ciência da religião se apresente publicamente como uma disciplina capaz de contribuir para o bem-estar político e social” (Usarski, 2019, p. 26).

Depois de uma breve pontuação e retomada de algumas referências teórico-conceituais que entendemos serem importantes para nosso relato sobre o objeto deste nosso artigo-relato, prosseguimos com a explicitação do caminho seguido para colocar o curso de especialização no trilha da perspectiva da ciência da religião aplicada.

Ao final do ano de 2007, a coordenação do curso, analisando sugestões e contribuições dos alunos (de alguns egressos, mas também de cursantes), indica que a grade curricular deveria atender a demandas e expectativas dos estudantes para que colocasse o curso numa diretriz capaz de responder às demandas práticas pelas quais eles haviam buscado o curso. Tratava-se de atender a formação e capacitação em ciência da religião,

dato que exigia que a grade curricular fosse voltada para questões de aplicação e de práticas de atuação. As expectativas e manifestações dos estudantes se condensavam numa expressão emitida por todos eles: que os estudos realizados no curso tivessem um direcionamento para o útil, de forma a lhes possibilitar aplicações práticas, articulando suas competências profissionais já adquiridas em outras áreas de conhecimento com o saber e competência da ciência da religião.

Fazia-se então importante apresentar um projeto que colocasse o curso na diretriz da ciência da religião aplicada. Dito com outras palavras, que o curso explorasse e expressasse claramente o conhecimento e domínio dos conteúdos da ciência da religião, mas que tivesse determinantemente uma formação que capacitasse o estudante para responder ao aqui e agora, ou seja, a uma profissionalização do cientista da religião. Por fim, essa argumentação se condensava na pergunta que os estudantes carregavam: “o que podemos fazer com os aprendizados recebidos no decorrer dos estudos ofertados e orientados no curso de especialização?”.

Com isso, em 2010 a reformulação que se realiza segue a preocupação de ser fiel ao que foi sintetizado das contribuições dadas pelos estudantes: por um lado, manter-se fiel em seu compromisso com o estatuto tradicional da área da ciência da religião, que lhe dará identidade e pertinência acadêmicas; por outro, estar e se manter voltado para a resposta a sua utilidade prática, seguindo o que Usarski propõe, “seu real avanço ocorre na organização curricular acadêmica em favor de uma aquisição de um saber aprofundado referente a áreas de maior relevância profissional extrauniversitária para os estudantes. A identificação de áreas que merecem atenção, nesse sentido, não representa uma grande dificuldade para quem está acostumado com uma abordagem estritamente empírica a nosso objeto de pesquisa” (2019, pp. 26-27).

Nesse entendimento, a ciência da religião será, então, observada como uma área que pode e deve se lançar para o que podemos denominar de o lado de fora da academia e, assim, produzir resultados que não apenas analisem, observem e debatam os produtos da “coisa” prática. A partir de 2010, passamos a conferir à ciência da Religião, tal como tratada e apresentada no curso de especialização da PUC-SP, o que indica Usarski: “gera-se uma lista de temas dignos de reflexões no decorrer de uma formação em nossa disciplina que se preocupa com as vantagens extra-acadêmicas dos seus insights e resultados” (2019, p. 27).

Cabe ressaltar que não existe um descompasso, como se houvesse um hiato, entre a ciência da religião aplicada e a ciência da religião que se propõe seguir as regras da produção acadêmica. Não há uma barreira entre uma ciência da religião intelectual e uma ciência da religião prática, útil. Ambas respondem, cada uma com suas ferramentas, a peculiaridades e demandas próprias de um mesmo problema: a articulação homem e fato religioso postados na sociedade e ou comunidades, presentes ou passadas. Entendemos que a classificação e distinção entre uma ciência da religião intelectual e uma ciência da religião prática tem muito mais uma função metodológica do que uma função epistemológica.

Não significa que uma pesquisa de pós-graduação *stricto sensu* não tenha nascido num trabalho de pesquisa *lato sensu* e, neste sentido, uma pesquisa de *lato sensu* será, sem dúvida, o germe para uma pesquisa *stricto sensu*.

Para dizer, como Usarski, “há inúmeros aspectos relevantes neste sentido que são adquiridos no decorrer de uma formação convencional na área de ciência da religião, sem que eles sejam identificados como aplicáveis em segmentos extra-acadêmicos em que mestres e doutores poderiam atuar depois dos seus estudos acadêmicos bem-sucedidos. De acordo com sua orientação multidisciplinar, a ciência da religião, interessada no fortalecimento da sua relevância extra-acadêmica mantém sua abertura para as contribuições oriundas de outras áreas de conhecimento, para as quais a religião é apenas um campo de estudo secundário” (2019, p. 27).

Após 2010, o curso de especialização em ciência da religião, foco deste texto, destina-se a oferecer não somente novos temas e conteúdo para estudo e reflexão, problemas e questões que possam estar em sintonia com as demandas sociopolíticas da sociedade, principalmente a brasileira (mas sem abdicar da sociedade mundial), contudo, mantendo sempre um olhar importante que é ampliar o perfil do público-alvo do curso, percebendo-se a diversidade e ecletismo desse público. Dessa forma, garante-se não apenas a interdisciplinaridade (muitas vezes apontada como característica da ciência da religião), mas a consistência ao dinamismo da aplicação e da utilidade da nossa disciplina na resposta a demandas, elas mesmas, postadas pela observância da ciência da religião, de forma que irá conferir a identificação da profissão do cientista da religião e da profissionalização que a área efetivamente confere e que se exige ser cada vez mais efetiva e delineada.

O campo da profissionalização da ciência da religião, com certeza, deve ser assunto que precisa ser enfrentado e “desenhado” com maior insistência para o curto e o médios prazos, uma vez que a área da ciência da religião tem definida sua justificativa, política, epistemológica e útil. Talvez o que possa estar dificultando a clareza da justeza da profissionalização da ciência da religião deva-se ao fato de estar na contramão de outras áreas acadêmicas, que primeiro construíram seus estatutos práticos aliados a resultados que se apresentaram com um grau explícito de utilidade.

A ciência da religião nasce na academia muito colada com a pesquisa teórica; observamos isso nos estudos sobre suas gêneses históricas e nas falas de seus fundadores. Contudo, diante de novos desafios que demandam que o fato religioso vai desencadeando, a ciência da religião precisa fincar raízes além das fronteiras da academia e dar respostas às demandas que as sociedades apresentam.

Concluimos que está na hora, atrevemo-nos a dizer, em que o “fruto” está mais do que maduro, de se afirmar a consolidação da utilidade da ciência da religião em sua prática profissional. A afirmação da profissionalização da ciência da religião irá dizer que esta não será uma disciplina que se justifica por ocupar o lugar de encerrar lacunas abertas por outras disciplinas, pois ela é resultado da percepção efetiva por parte de uma disciplina sistematicamente consolidada, que se propõe a dar conta por meio de atuação prática de questões geradas pelo fenômeno religioso que suscitam um modo peculiar para serem abordadas e respondidas.

Bibliografia

WACH, Joachim. Sociologia da religião. São Paulo: Paulinas, 1990.

USARSKI, Frank. Ciência da Religião Aplicada como desafio para a formação Universitária: sugestões sobre adequação curricular de estudos pós-graduados da área.

SEMCREA, Anais do Seminário Ciência da Religião Aplicada. 3. Ed. São Paulo: PUC-SP, 2019 (<https://bit.ly/3XU2eTU>)

Submetido em: 29/08/2022

Aprovado em: 16/11/2022

Editor responsável: Fábio L. Stern